

PEQUENO TRATADO DA INTOLERÂNCIA

CHARB

PEQUENO TRATADO
DA INTOLERÂNCIA

Tradução de
JOSÉ VALA ROBERTO/JOÃO QUINA EDIÇÕES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016



Morte aos teóricos do riso!

Eles são numerosos; os filósofos de café e os pensadores de fim de repasto que, ao mínimo ponto de viragem numa conversa, soltam: «Podemos rir de tudo.» Infelizmente, na maior parte das vezes, esta afirmação, perfeitamente descabida, não termina com um ponto final, mas com uma vírgula: «Podemos rir de tudo, mas...» Desde logo, é insuportável haver um velho fóssil, inchado de presunção, que nos autoriza a rir de tudo. Não preciso do seu favor para rir daquilo que me apetece, mas, além disso, não tem de forçosamente apetecer-me rir de tudo. Rio daquilo que quero, quando quero. Este não só me quer conceder uma liberdade que sou capaz de ter sozinho, como também impõe restrições. Nove em cada dez vezes, o imbecil termina a frase com um «não com qualquer pessoa». O crítico pensa que ele mesmo dá prova de um estonteante humor ao retomar a frase que atribui a Desproges: Podemos rir de tudo, mas não com todos.» O humorista Desproges sofre do mesmo problema que o humorista Jesus. Está morto. Vivos, estes dois pândegos fizeram rir salas inteiras; desaparecidos, uns tristes palermas começaram a repetir sem parar alguns excertos dos seus

sketchs, como se fossem mandamentos divinos. Evidentemente, aquele que «ri de tudo, mas» ri de tudo, exceto das pessoas que têm uma verruga no nariz. É demasiado repugnante rebaixar-se a este género de... de... baixeza! Um rápido olhar vai permitir-lhe perceber que o seu Descartes do humor tem, ele mesmo, uma enorme borbulha no nariz. Se não for esse o caso, vá mais fundo: a mulher dele, o filho ou a mãe ou até o cão devem ter uma verruga na penca. O seu interlocutor terá a mesma reação se, porventura, se rir do cão dele por ter cancro, ser mongol ou socialista. O riso é como o cu, há sempre um autoproclamado padre a tentar impor-lhe os próprios (e limpos) limites. Amor no pipi: mas não nas nádegas.

Creio que estará de acordo, é preciso deixar cair uma bigorna no pé destes teóricos do riso, mas mantenha a sua sisudez. *Ámen.*



Morte a «Queres beber *cauqué* coisa?»

Esta frase obrigatória que o anfitrião profere quando o recebe em casa já é insuportável. «Queres beber *cauqué* coisa?» Acabou de passar a porta, ainda tem o casaco nas costas e já o seu anfitrião lhe pergunta se quer beber *cauqué* coisa. «Um cafezinho, um sumo, uma cerveja, um copo de água? Nada, tens a certeza? Tens mesmo a certeza?» Nesse momento, tem-se sempre a impressão de que o confundem com outra pessoa. É como se fosse um grande explorador e tivesse acabado de atravessar, a pé e sem uma gota de água, o deserto de Gobi. Mas não! Andou apenas três ruas, bebeu conscienciosamente os seus dois litros de água por dia e, à hora de almoço, até tragou dois copos de tinto. Esta mania de querer, à viva força, hidratar as visitas estendeu-se aos clientes. Já não são só o seu velho compincha, o vizinho, a sua avó, o colega que lhe fazem a inebriante pergunta; é o comerciante do seu bairro que procurou, não para beber um copo, mas para comprar um par de óculos, um móvel ou um automóvel... Até já no barbeiro lhe propõem beber *cauqué* coisa. «Mas deixem-me, raios! Merda, se eu tiver sede, eu mesmo vos direi!» E mais, nove em cada dez vezes, o que o parvo a quem

nada pediu lhe oferece é café. Café que, dez em cada dez vezes, é uma verdadeira zurrapa! Mete no cu o teu sumo de merda! A tua pequena e hipócrita cerimónia de boas-vindas dá-me ainda mais vontade de me embebedar para poder esquecer a tua fro-nha! Assim, peça ao seu oculista, que lhe oferece gentilmente um café em vez de indagar qual o modelo de óculos que escolheu, um copo de *gin-fizz* bem gelado, e um pequeno riso de embaraço, mas cúmplice, irá ensombrar-lhe a cara de peido. No barbeiro, a mesma coisa: peça uma taça de champanhe e, quando a boca de colagénio da patroa gorda se contorcer numa desolada careta, faça-lhe sentir que com os preços que ela pratica bem podia abrir uma garrafa!

Creio que estará de acordo, é preciso mijar na boca dos pagaios que a toda a hora lhe propõem beber *cauqué* coisa. *Ámen.*



Morte aos sapatos que magoam!

Ela caminha à sua frente e, curiosamente, o seu olhar não se fixa no traseiro dela, o que, de um macho heterossexual do Ocidente e condicionado pela publicidade, é bastante surpreendente. Não, você está a olhar para os sapatos dela. Sapatos bonitos, muito finos e atrativos que visam persuadir, primeiro a mulher que os calça, depois o homem que os observa, que a dona é elegante. Desta forma, repara no esforço da mulher que caminha à sua frente para despertar uma emoção nos outros. No entanto, estes sapatos, muito bonitos na montra de uma sapataria, deixam-no indiferente. Pior, provocam-lhe enjoo. De facto, um grande penso adesivo já sujo com a poeira do passeio transborda de cada sapato. Estes sapatos esfolaram os calcanhares até fazerem sangue. Ela sofre nesses calcantes novos demais, pequenos demais ou baratos demais, mas a mãe disse-lhe um dia: «É preciso sofrer para seres bela.» Então, ela sofre a cada passo. O que a faz aguentar é pensar que aqueles instrumentos de tortura a tornam mesmo elegante. Errado. Ela é feia. Todo aquele que sofre é feio, os ignóbeis pensos que agora pendem do alto

dos seus sapatos provam-no. Se a rapariga calçasse umas botas de montanha, confortáveis, seria dez vezes menos abominável. Quantas mulheres são capazes de se automutilar desta forma perante o mundo? Que falta de pudor! Que falta de classe! Escrava voluntária de códigos de vestuário grotescos, a mulher perde toda a dignidade e torna-se feia. Ao procurar ser uma borboleta, a lagarta transforma-se em minhoca.

Creio que estará de acordo: é preciso dar uma lição a estas tontas, cravando-lhes os pés em tamancos *Scholl*. *Ámen*.



Morte aos libertadores de balões!

Os seus pequenos olhos remelosos erguem-se para o céu. Indiferente ao sol que lhe queima a retina, a multidão aguarda o grande acontecimento deste fim de semana. Um sorriso embaçado deforma-lhe a franha pastosa. Há atropelos. Todos se juntaram na *grand-place* para celebrar o aniversário do fim de uma guerra, ou então o início da primavera, ou então a entrada na União Europeia de um pequeno país de nazis bebedores de cerveja, ou então as crianças vítimas de pedófilos ou ainda a paz no mundo. Eis o momento alto do dia: a largada de balões. O céu engasga-se. Milhares de balões inflados com hélio voam pelo ar ao som dos aplausos do rebanho, mas, em menos de um minuto, o vento leva os balões para longe do olhar queimado dos espectadores, que começam já a aglomerar-se em torno dos bares para saborearem uma cerveja morta. Ou até duas! É que a receita da venda das bebidas destina-se a uma boa causa. Somos generosos. Durante esse tempo, os milhares de balões continuam em viagem. Atropelam-se e bamboeiam os seus pequenos rabosques. Vão cair nos montes cobertos de neve, rebentar nas copas de árvores centenárias, disseminar a varíola numa ilha

paradisíaca, putrefazer num deserto imaculado, asfixiar todos os pequenos animais marinhos, etc. Entre os tristes idiotas que assistiram ao lançamento da nuvem poluente, nem um só pensou que estava a contribuir para transformar o planeta num aterro de lixo. Milhares de quilómetros quadrados juncados de preservativos multicolores que rebentaram, tudo isso para um piedoso orgasmo de um bando de idiotas. Encarregaram os balões de difundirem pelo mundo um símbolo de paz, ou de amor, ou de compaixão, em suma, um desses símbolos néscios e vazios de sentido com que as multidões consensuais se deliciam. Acabaram por não espalhar mais do que fealdade e morte.

Creio que estará de acordo, é preciso encher de hélio os intestinos destes sem-vergonha até que explodam. *Ámen.*



Morte aos uniformes dos polícias de trânsito!

Quem criou os uniformes dos polícias de trânsito que trabalham em Paris? Para os que nunca viram os sacos de batatas que tapam os encarregados em mandar avançar os automóveis, quando a luz do semáforo fica verde, e em mandá-los parar, quando esta fica vermelha, imaginem um uniforme da polícia nacional. Um uniforme, seja ele da polícia, em qualquer parte do mundo, de majorete ou de *rapper*, raramente é *bonito*. O da polícia nacional, além de ser pavoroso, não é funcional. Ainda assim, a maior parte destes bófia dispõe de um uniforme por medida. Quero dizer com isto que as insígnias estão nos ombros e que as mangas terminam nos punhos. O traje do polícia de trânsito de Paris é uma imitação grotesca do de bófia. As insígnias caem sobre os cotovelos e as mangas fazem de luvas. As calças, em péssimo Tergal, são feitas à medida para uma pobre cintura, decorada com uma inútil matraca de plástico e com um não menos inútil par de algemas que lembra mais uma bugiganga de uma *sex-shop* do que um utensílio de trabalho. As calças assim pesadonas não se ajustam à fralda da camisa

sem formas. A panóplia dos polícias de trânsito tem uma função: levar as pessoas a acreditar que eles detêm uma autoridade que na realidade não se verifica. Estes uniformes só impressionam as mães daqueles que os vestem, na maior parte das vezes, uns pobres negros pouco robustos para poderem fazer turnos de segurança na FNAC. Abandonados no meio de cruzamentos malcheirosos, deixam indiferentes os motoristas que passam a raspar-lhes o cu e os insultam. O ruído do trânsito sobrepõe-se aos pequenos gritos de agonia que o seu apito *Toys'R'Us* deixa escapar de tempos a tempos. Ao vestir estes pobres mancebos de espantalhos, as autoridades revelam o desprezo que nutrem por esta dolorosa e imbecil missão, assim como por aqueles que a desempenham. Tu queres «integrar-te», tu queres sair da tua cidade sem futuro, então considera-te feliz por te deixarmos disfarçar de subpolícia e acenar nas avenidas da cidade-luz.

Creio que estará de acordo, é preciso esfolar vivo o responsável pela compra destes uniformes e fazer da sua pele um blusão decente. *Amen.*



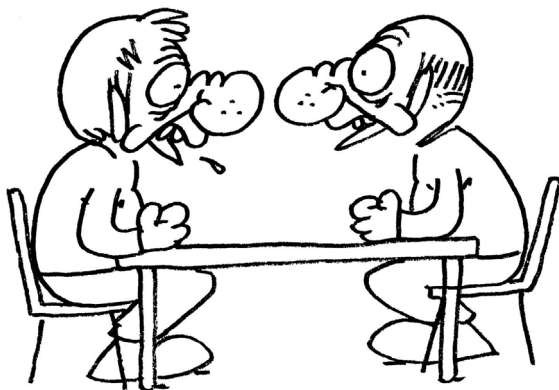
Morte aos enroladores de charros!

Passa da meia-noite, é a hora dele. A carruagem do metro está quase deserta. Ele esforça-se por passar despercebido. Este é o melhor meio que encontrou para não darmos por ele. Sobre os joelhos, as mandíbulas mastigam. A cada cinco segundos, marcam uma pausa. A sua cabecinha inquieta endireita-se nervosamente. Uma pausa à direita, uma pausa à esquerda. As suas antenas não detetaram predadores, as mandíbulas retomam a atividade. Temos aqui um enrolador de charros. Há duas espécies de enroladores de charros: o que fuma para esquecer que existe e o que fuma para existir. Estamos na presença de um espécime da segunda categoria. Não iniciemos um debate sobre a legalização da canábis, acordemos, desde já, que é uma idiotice fazer do fumador de charros um criminoso. Este pobre rapaz não faz mal a ninguém. Ao acender a sua beata, não faz mais do que provocar a tosse da avó asmática que está sentada no banco ao lado. Mas isso não vale os problemas que terá quando os longos braços da RATP¹

¹ Régie Autonome des Transports Parisiens; empresa responsável pelos transportes públicos de Paris. (N. do T.)

o apanharem na estação seguinte. Acender um charro no metro é um desporto arriscado. O *googol* com pijama *Sergio Tacchini* e boné *Lacoste* sabem-no. Então, porque corre o risco insano de levar um soco e acabar a noite na esquadra da polícia? Será ele militante da «causa» *canábica*? Não, é apenas um desgraçado que se imagina a brincar aos rebeldes. E os murros que vai apanhar na fronha serão a prova de que ele é mesmo um rebelde. A velha sentada no banco ao lado faz tudo para ignorá-lo, ele sofre com isso. Ele bem gostaria que ela se queixasse, que se compadecesse, mas a senhora está certamente cheia de medo. Pelo menos, já é alguma coisa: o medo da velha é uma forma de reconhecimento. No entanto, os soldados que lhe vão partir os dentes são os seus verdadeiros aliados. Com estes, durante alguns minutos ele poderá imaginar-se o Scarface.

Creio que estará de acordo, para ajudar este tipo de virgens do pensamento a existir, é preciso tornar obrigatório fumar um bastão de dinamite no átrio de acolhimento do Medef. *Amen.*



Morte às disputas de especialistas!

Está a jantar com amigos. O ambiente é bastante bom, o vinho corre a jorros e as conversas fluem a bom ritmo. Fala-se sobre todos os assuntos. Da proeza sexual de Machin à promoção escandalosa de Truc, passando pela operação aos seios de Bidule: «Mas sim! Ela agora usa copa G! Assim, fico confuso!» Está a ver o estilo. Há um que no seu canto tenta orientar o debate para a futura Constituição Europeia, mas os outros conseguem logo calar a reles criatura. Pedimos uma torrada, enfiamos-lhe um *pâté de foie gras* na boca, damos-lhe uma palmada nas costas, apupamo-lo, marimbamo-nos para as suas ventas. Ele volta a embalar nas suas teorias sobre o próximo referendo, para esvaziar o copo e mastigar o pão. E, entre duas gargalhadas, evocamos de novo as mamas de Bidule. «É copa G, asseguro-vos!» Era bom demais para durar. E, então, quando chegamos aos seios de Samantha Fox — «Lembram-se?» —, um conviva aproveita para desviar a conversa para o terreno musical... e merda! Tudo começa amigavelmente. Dois imbecis discutem os respetivos méritos do *rap* e do *punk*. Pouco a pouco, o resto da mesa colabora

no que está prestes a transformar-se numa verdadeira briga. Cada um defende o seu género musical preferido, desvalorizando os outros. E quando chegam a acordo para dizer que a *pop* é *cool*, dois pândegos estripam-se com a faca do queijo, porque o primeiro é fã de Franz Ferdinand e o segundo só gosta dos Muse. Poupo-vos os nomes de grupos mais confidenciais, os pormenores mais acutilantes sobre as suas maneiras de tocar o baixo. Os que, como é o seu caso, não consideram a música uma religião não entram na disputa que determinará se devemos seguir o deus do *groovie* ou o profeta do *funky*. Estão-se a cagar, a noite acabou. A última tentativa para amenizar o ambiente é afirmar que o melhor é Joe Dassin. Um fiasco. Passam por imbecis antiquados, são completamente ignorados e ninguém sequer se digna a incomodar-se com eles.

Creio que estará de acordo, para libertar o mundo destes *groupies* invertebrados, é preciso perfurar-lhes os tímpanos com uma agulha de tricô. *Ámen.*



Morte aos leitores de jornais gratuitos!

Eles correm para ele, arrancam-no das mãos do pobre tipo de blusão com uma sigla que o distribui à entrada do metro — como pombos sobre caca de cão recheada. Todos querem um exemplar do jornal gratuito, atrás do qual vão esconder a cara suja durante o tempo que durar o trajeto até ao trabalho. Há linhas que são mais *20 Minutos*, outras mais *Metro*. A imprensa é cara, mas como é possível que 99 por cento dos leitores de jornais gratuitos não tenham antes lido um diário? A informação, a atualidade, aquilo que imprensa relata, com isso ainda se masturbam. Eles não leem os jornais gratuitos para se informarem ou mesmo para terem a ilusão de estarem informados; eles leem-nos porque... são grátis. Alguns chegam a levar dois ou três de uma só vez. Talvez os usem para a cama do gato, para legumes, mas, sobretudo, porque é grátis! Não se pode perder! Seríamos bem parvos se não aproveitássemos o que é gratuito, mesmo que não seja preciso. Distribuiríamos à entrada do metro, pontapés no cu, que eles todos exigiriam muitos mais se tivessem a garantia de que eram gratuitos. São ratos, uns tristes e mesquinhos,

ladrões falhados que disputam o gratuito. E o que pensar dos pobres fracos que em determinados dias mergulham na leitura do jornal desportivo gratuito (do qual me esqueci do nome)! E aquela avozinha, pensam que ela se interessa pelos feitos deste ou daquele *subZidane*? Não, ela troça deles, do futebol, da Volta à França e de tudo o resto. Mesmo (e como isso a irrita) que o cretino do marido monopolize a televisão nas tardes dos jogos. Mas, então, ela tem prazer, a velha, ela tem um jornal *gratuuuuuito*! Encontramo-la, a velha e os seus companheiros de viagem, diante dos bufetes. São os mesmos que se apinham, como porcos, no bufete para as saudações ao presidente da Câmara.

Creio que estará de acordo, é preciso organizar uma grande fogueira com jornais gratuitos à entrada do metro, para aí assar os seus leitores. *Ámen*.



Morte aos pintores de *kebabs*!

É como tudo, há bons e maus *kebabs*. Por vezes, os nacos de carne são muito secos; outras vezes, regurgitam gordura; outras ainda, são como devem ser. O mesmo se passa com as batatas fritas. As lojas de curdos que oferecem aquelas sanduíches gregas ou turcas geralmente não inspiram confiança. Se avaliássemos a qualidade da comida apenas com o olhar para a montra, íamos comer ao McDonalds. É preciso entrar e experimentar. O problema é que um forte sentimento de repulsa impede qualquer pessoa com bom gosto de pôr os pés num *kebab*. O letreiro, viu bem o letreiro? Uma espécie de trapézio com pinceladas vermelhas, amarelas e, por vezes, castanhas deveria fazê-lo recordar a carne que está a assar no espeto. Imagino que há empresas que vendem este tipo de letreiros; imagino que há gente para os pintar. Imagino que o dono do restaurante que não tem meios para comprar um, o faz ele mesmo. É certo que não será das coisas mais fáceis, pintar um monte de carne a assar, mas que seja; o comerciante de *kebabs* bem podia recorrer a um verdadeiro artista para pintar o letreiro, ou então encontrar outra figura para simbolizar o seu estabelecimento. Uma batata frita é fácil

de desenhar. Não, parece que uma máfia de letreiros de *kebabs* conseguiu fazer com que este estilo proliferasse. Porque o que imaginamos nós quando vemos aquele grande monte sanguinolento ao fundo da rua? Será uma empada que o tipo mais doentio deitou fora? Um aborto espontâneo? Um vômito de um bêbedo? O coto de um leproso? Um cu de Sarkozy lambido pela língua de Michel Drucker? Será que uma pessoa sã de espírito poderá associar esta imagem ignóbil a um restaurante de carne? Se é para estragar a imagem das nossas bonitas ruas de França com os letreiros luminosos e encardidos, preferimos que os curdos continuem a saltar sobre as minas na Turquia.

Creio que estará de acordo, é preciso cortar as mãos aos pintores obscenos que cometem estas atrocidades, cozinhá-las no espeto, metê-las entre duas fatias de pão e servi-las com batatas fritas. *Amen.*